

ENVELHECIMENTO DO CORPO: A VISÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS DE PEDAGOGIA

Maurenil Rosa da Silva Colino

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

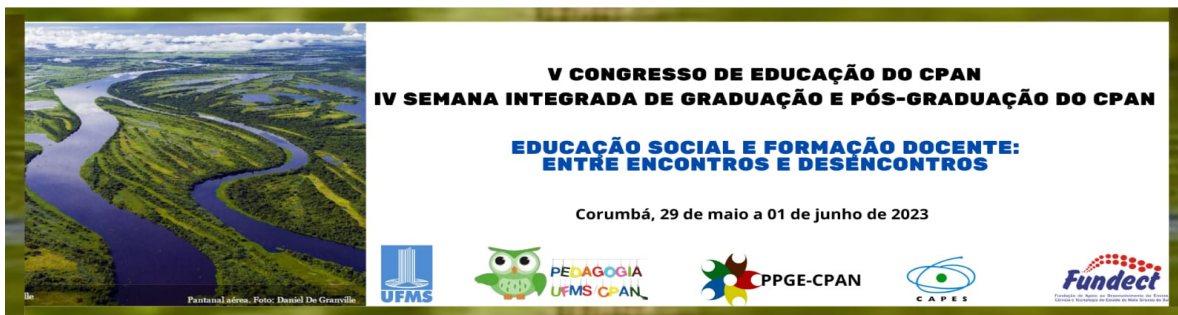
Resumo: Este texto apresenta a pesquisa que teve como tema principal a discussão sobre como os universitários não idosos do curso de Pedagogia do Câmpus do Pantanal (CPAN) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na cidade de Corumbá, concebem o processo de envelhecimento do corpo. Buscou-se, ainda, compreender como os não idosos universitários do curso de Pedagogia (do 1º ao 4º ano), matriculados no ano de 2010 e 2011, concebem o envelhecer, a maneira como vislumbram seus corpos e, principalmente, se estão sendo preparados, como profissionais, para enfrentar e compreender este processo tão complexo ao mesmo tempo único pelo qual todos passam e que vão além dos fatores socioculturais e individuais. Desta forma, conhecer as respostas como os universitários não idosos selecionados concebem o processo de envelhecimento poderá auxiliar na proposição de políticas públicas que realmente satisfaça a população idosa de hoje e, principalmente, do futuro, além de proporcionar conhecimento, informação e, conseqüentemente, maior qualidade de vida. Não se pode negar que as pessoas quando bem informadas e preparadas para o enfrentamento das questões do inevitável envelhecimento adquirem mais consciência do próprio corpo e envelhecem qualitativamente sem se preocupar com os estereótipos impostos pela sociedade. Entretanto, ao final da pesquisa e diante de todos os dados obtidos avalia-se que a ausência de informações essenciais no decorrer da nossa vida escolar sobre o envelhecer e todo o processo que o envolve é responsável pela negação do corpo do idoso, pelo despreparo emocional com que lidamos com o assunto, além de interferir nos valores morais e sociais de toda uma sociedade.

Palavras-chave: Sociedade; Educação; Formação; Não idoso; Envelhecimento.

Introdução

No passado, certas sociedades é bem verdade, garantiam ao velho o poder, a honra e o respeito, mas o que se observa atualmente é o subtexto que descreve a idade avançada como desprovida de força, incapaz de prazer, solitária e repleta de amargura. Na sociedade moderna consumista e imediatista os velhos são encarados como um peso social, recebendo só benefícios e não dando nada em troca. Os valores de juventude predominam como os da beleza, da energia e do ativismo (NOVAES, 1995, p. 23).

Tendo esta citação como referência, apresentamos o resultado da pesquisa cujo tema principal é a discussão sobre como os não idosos concebem o envelhecer e a maneira como se

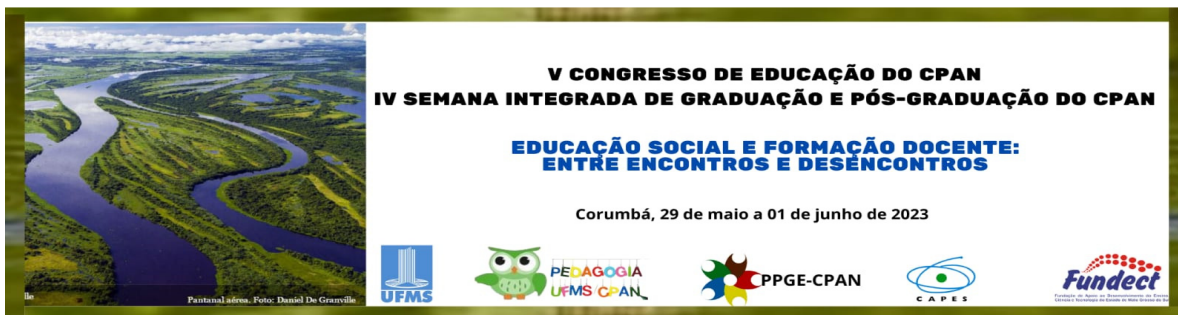


relacionam com seus corpos. Fato que remete aos seguintes questionamentos: a partir de qual idade uma pessoa pode ser considerada idosa? Existe um termo específico para designar alguém que traz no corpo, no rosto e na mente as marcas indeléveis deixadas pela vida? Assim, o primeiro passo é definir, neste trabalho, o conceito de idoso.

O Estatuto do Idoso - Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, considera idosa a “pessoa” com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. É importante ressaltar que em todo o texto do referido Estatuto são utilizadas as palavras “pessoa” e “idoso” para referir-se a elas e momento algum usou termos como “velho”, “véio”, “velhinho”, “senhorzinho”, “coroa” ou termos que atualmente estão muito em evidência como “Terceira Idade”, “Nova Onda”, “Nova Geração”, “Geração Sessenta”, “Melhor Idade”, etc., termos estes que, em sua maioria, são influenciados pelos meios de comunicação (livros, revistas, TV, jornais, etc.) e por preconceitos, sem sentido, que são transmitidos continuamente. O próprio envelhecimento não é um caminho já traçado, a ser percorrido e sim, uma construção permanente no qual mudanças ocorrem no nosso estilo de vida e que também mexem com o nosso corpo, nossa mente, nossos movimentos, nosso equilíbrio e energia vital. Essas mudanças são naturais e fazem parte do envelhecer.

O tempo é inexorável e ninguém pode pará-lo assim como ninguém pode fazê-lo retroceder ou se adiantar. A todo momento médicos, cientistas, patologistas, biólogos, entre outros profissionais buscam formas de prolongar a vida humana, seja através de hábitos alimentares, remédios, atividades físicas, entre outros. Já é possível perceber que os “idosos” são uma parcela cada vez mais crescente da população.

Segundo Alves e Galiza (2022) o mundo em 2022 já contava com 1,1 bilhão de idosos sendo que os 6 (seis) países que mais concentram idosos com idade igual ou superior a 60 anos são a China, em 1º lugar, com 264,7 milhões, em 2º lugar a Índia com 148,7 milhões, os EUA em 3º lugar com 79,3 milhões, em 4º lugar o Japão com 44,4 milhões, em 5º lugar a Rússia com 32,9 milhões e, ocupando o 6º lugar, o Brasil com 31,5 milhões de idosos. É evidente que a quantidade de idosos, bem como a ordem em que eles são apresentados podem variar ao longo do século XXI levando em consideração a dinâmica demográfica de cada país. Entretanto, as pesquisas indicam que em 2050 a quantidade de idosos com idade igual ou superior a 60 anos no mundo deve alcançar 2,1 bilhões de pessoas. (ALVES; GALIZA, 2022).



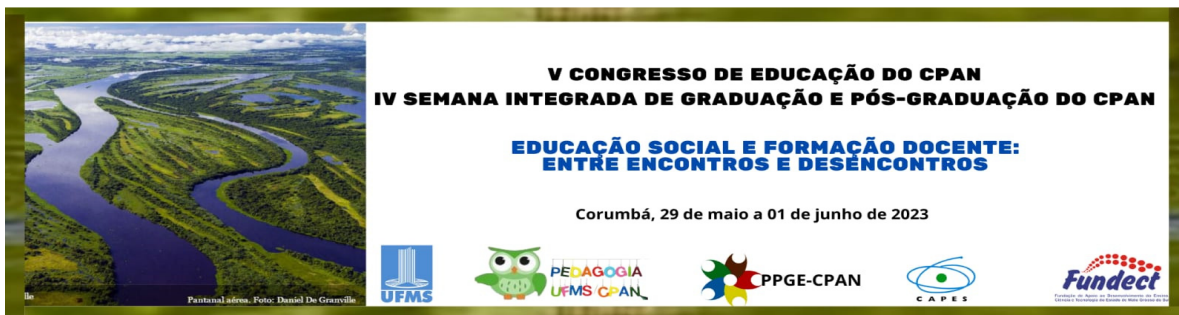
Novaes (1995) menciona a afirmação de uma geriatra que identifica este fenômeno crescente mundialmente de idosos com o termo “*old boom*”, em contraponto com o anterior “*baby boom*”. Este aumento significativo de idosos traz como referência tradições, crenças, culturas, vivências e valores que serão passados de geração a geração com um novo contexto e uma nova roupagem. Desta forma, o tema do envelhecimento vem sendo abordado no mundo todo, bem como as políticas sociais vigentes para atendê-los e as mudanças nas aposentadorias/contribuições previdenciárias.

No Brasil, o envelhecimento da população é um fenômeno relativamente recente e não há muitos estudos que abordam o tema. Contudo, os poucos estudos brasileiros existentes dão conta de que o envelhecimento da população brasileira é considerado um processo crescente e irreversível devido às baixas taxas de fecundidade e mortalidade registradas nas últimas décadas e do esperado para as próximas. Sendo assim, os atuais idosos brasileiros são aqueles que conseguiram sobreviver às dificuldades da vida cotidiana como excesso de trabalho, estresse, violência urbana, às doenças e ao tempo.

Mais do que isso, é preciso reconhecer que a futura população idosa brasileira, já nasceu. Desta forma, mais do que conhecer esses que ainda são não idosos, é imprescindível prepará-los para desfrutar dessa fase da vida que teima em pegar muitos desprevenidos. Entretanto, será que estamos sendo preparados para envelhecer? Até que ponto o processo do envelhecimento perpassa pela educação familiar e escolar? Como profissionais educadores - como os pedagogos - estão sendo preparados profissionalmente para conceber o processo do envelhecimento e suscitar discussões formativas acerca do tema? Até que ponto os estereótipos impostos pela sociedade interferem na forma como os “não idosos” se enxergam e se preparam para o envelhecer? Estas foram algumas das questões investigada, discutidas e apresentadas neste estudo.

Metodologia

Para delimitação do estudo e explanação sobre o fato a ser estudado, foi realizado levantamento bibliográfico, pois este tipo de estudo é necessário para a primeira etapa do trabalho (OLIVEIRA, 2007). Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo para o aprofundamento das questões propostas. Consistiu, ainda, no levantamento de dados e sua

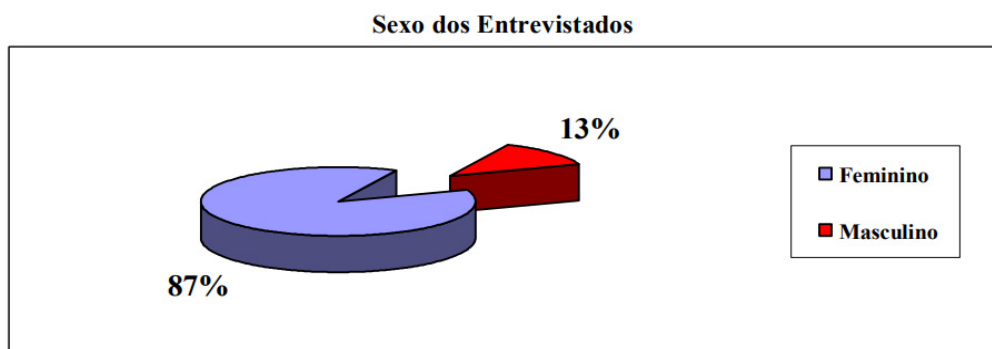


interpretação baseada teoricamente, objetivando analisar e compreender o tema pesquisado (GIL, 1999). Os instrumentos utilizados para o levantamento de dados foram os questionários fechados - contendo perguntas como sexo, idade, nível escolar e renda familiar, além do questionário aberto contendo questões acerca do tema proposto.

Ressalta-se que os questionários foram aplicados a 10 (dez) alunos não idosos matriculados em cada turma do curso de Pedagogia (totalizando 40 entrevistados) dispostos a colaborar com a pesquisa. Também foi elaborado o Termo de Anuência para certificar-se de que as respostas coletadas pudessem ser analisadas e divulgadas neste trabalho, tomando a precaução de manter sigilo.

Dados da pesquisa

Os dados apontam para o fato de grande parte dos alunos matriculados no curso serem mulheres, solteiras, com idade entre 21 e 30 anos.

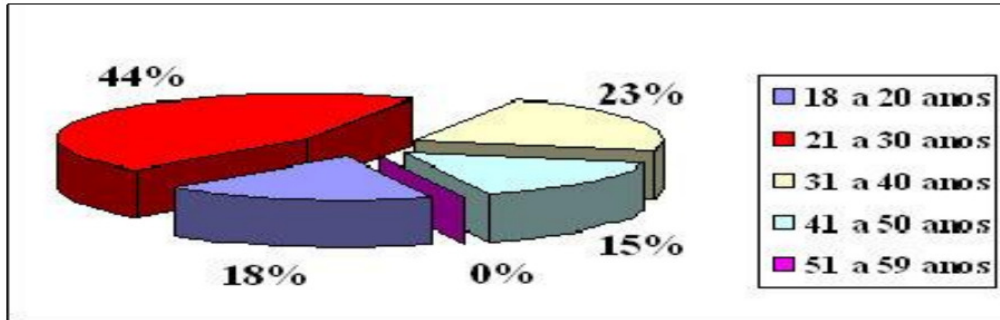


Fonte: Questionário aplicado 2011.

Observa-se que não foram encontrados acadêmicos com idade igual ou superior a 51 anos, ou seja, próximos a 60, mas 15% dos entrevistados estavam na faixa etária entre 41 e 50 anos.

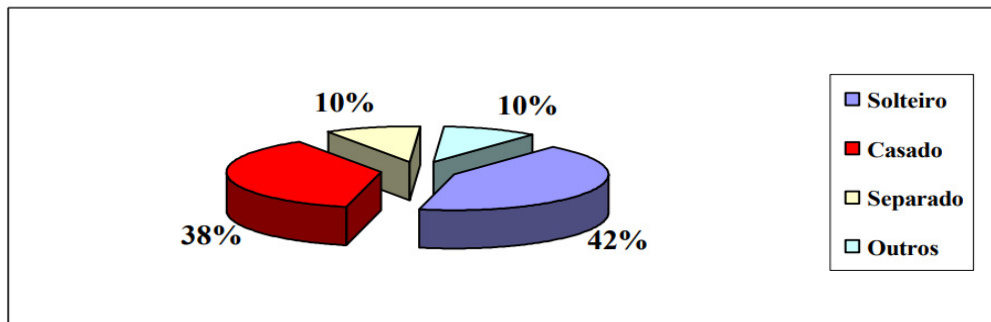


Idade dos Entrevistados



Fonte: Questionário aplicado 2011.

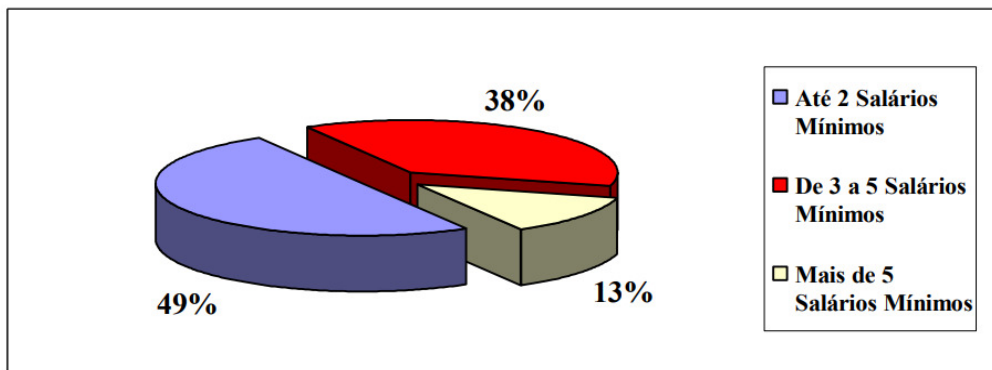
Estado Civil dos Entrevistados



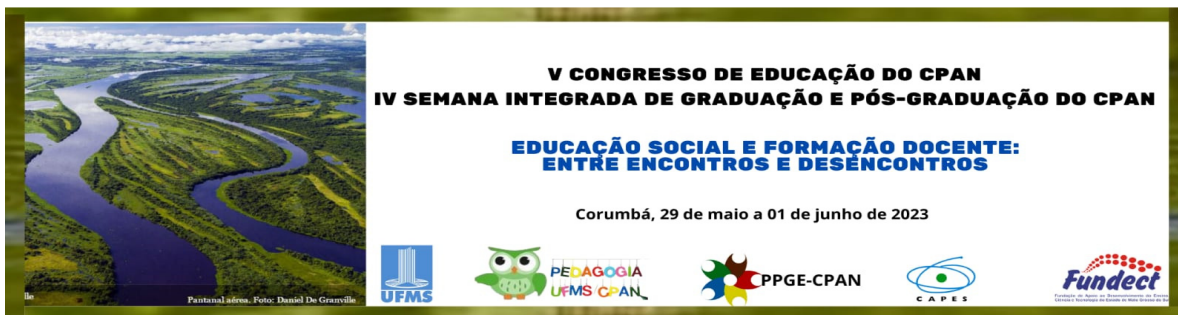
Fonte: Questionário aplicado 2011.

Salienta-se que as demais entrevistadas dividiam-se entre separadas e outras opções não mencionadas no questionário, entre elas viúva(o).

Renda Familiar dos Entrevistados



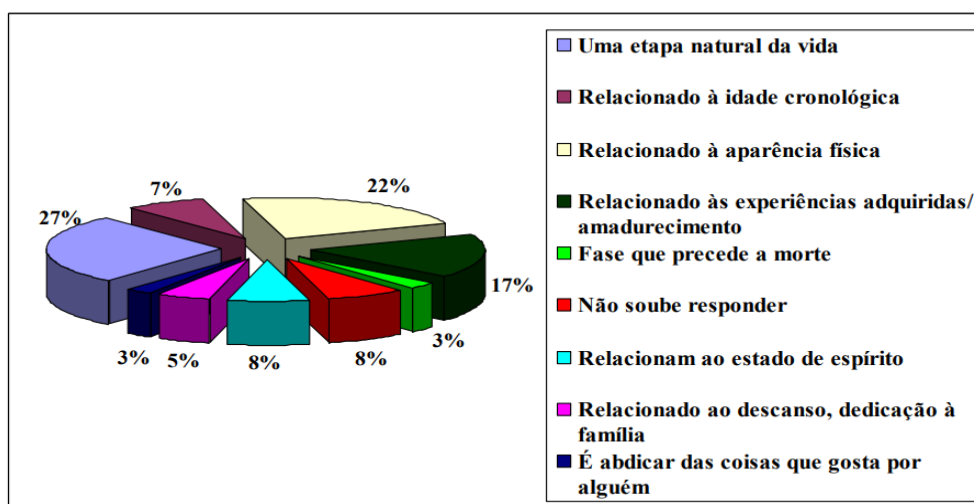
Fonte: Questionário aplicado 2011.



Outro dado importante é que grande parte dos entrevistados possuem renda familiar de até 2 (dois) salários mínimos, enquanto 38% recebem entre 3 (três) a 5 (cinco) salários e uma minoria de 13% tem como renda mais de 5 (cinco) salários mínimos.

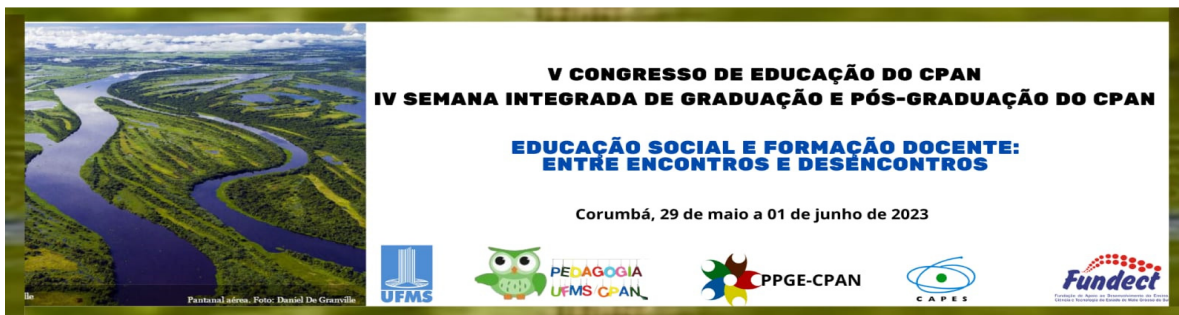
Tendo identificado os entrevistados e com a intencionalidade de entender o que e como pensam os não idosos sobre o envelhecimento, foi elaborado 08 (oito) questões norteadoras que permitiram explorar este universo pouco pensado, mas cada vez mais presente em nossa sociedade.

Pra você, o que é envelhecer?

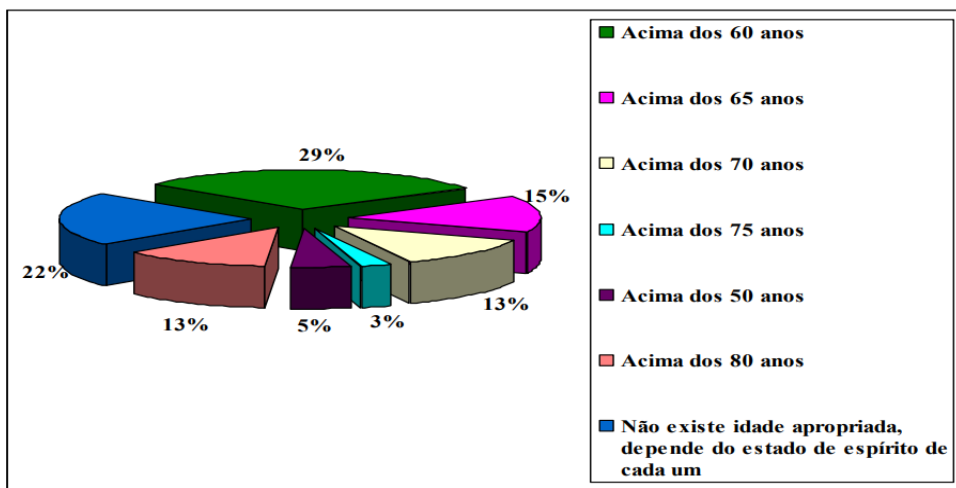


Fonte: Questionário aplicado 2011.

Os questionários evidenciam que, dos 40 (quarenta) universitários entrevistados, 27% consideram o envelhecer como algo natural ao ser humano; uma fase da vida no qual todos estão sujeitos a passar exceto quando somos atingidos pelas intempéries da vida (fatalidades que culminam com a morte) enquanto 22% associam a velhice a aparência física e ao declínio corporal decorrente da idade. E o que dizer do tempo já que 17% dos entrevistados consideram que envelhecer é adquirir experiências; é amadurecer com o passar dos anos enquanto 7% dos entrevistados relacionam e o envelhecer a idade cronológica. Houve, ainda, aqueles que relacionaram o envelhecer a um estado de espírito, abdicar pessoal em detrimento de alguém, período de descanso e dedicação à família, prenúncio da morte ou que não souberam responder.



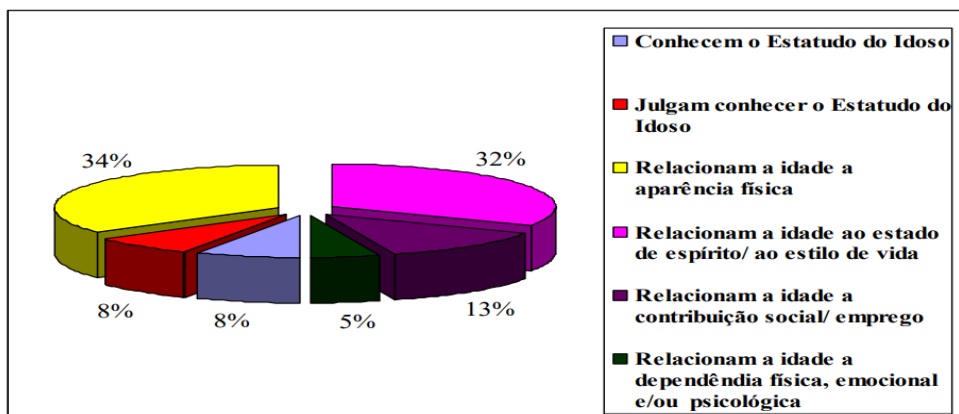
Que idade tem que ter uma pessoa para ser considerada idosa?



Fonte: Questionário aplicado 2011.

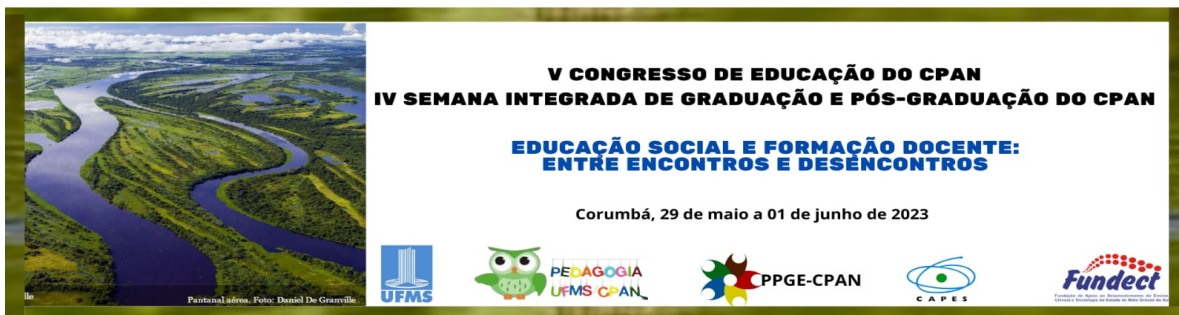
Quando se pergunta a idade que uma pessoa deveria ter para ser considerada idosa percebemos que 29% dos universitários entrevistados definiram a idade igual ou superior a 60 anos para ser idoso enquanto os demais entrevistados definiram outras idades dentre elas mais de 65 anos a 80 anos, além daqueles que consideram que não existe idade apropriada para se considerar alguém como idoso, isto é, dependeria do estado de espírito de cada um.

Por que eles são considerados idosos a partir dessa idade?

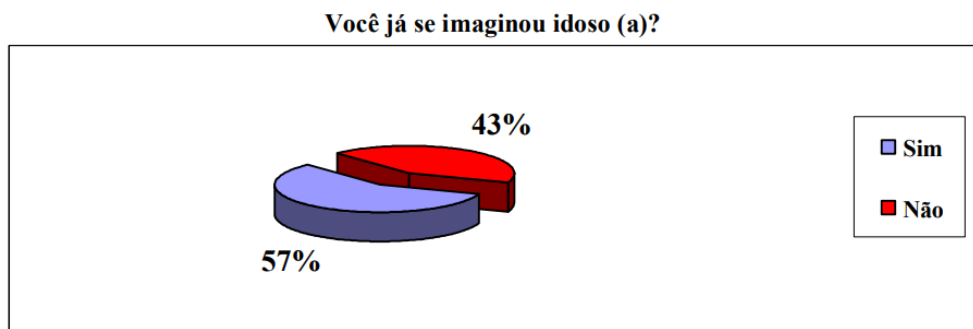


Fonte: Questionário aplicado 2011.

Ao nos aprofundarmos na questão do porquê considerarmos idoso alguém com 60 anos ou mais, ficou evidente que 8% mencionaram conhecer o Estatuto do Idoso e os direitos/ benefícios adquiridos a partir desta idade, enquanto 34% relacionaram a idade a aparência física



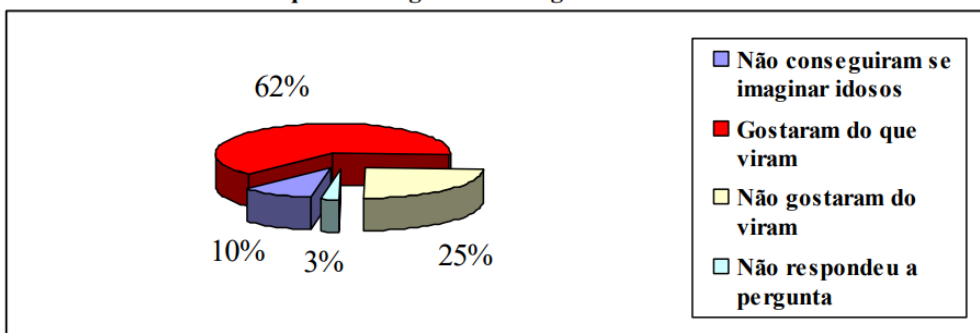
(cabelos brancos, rugas, tônus muscular, agilidade, etc.). Houve, ainda, 32% que relacionou a idade ao estado de espírito, ao estilo de vida escolhido por cada um.



Fonte: Questionário aplicado 2011.

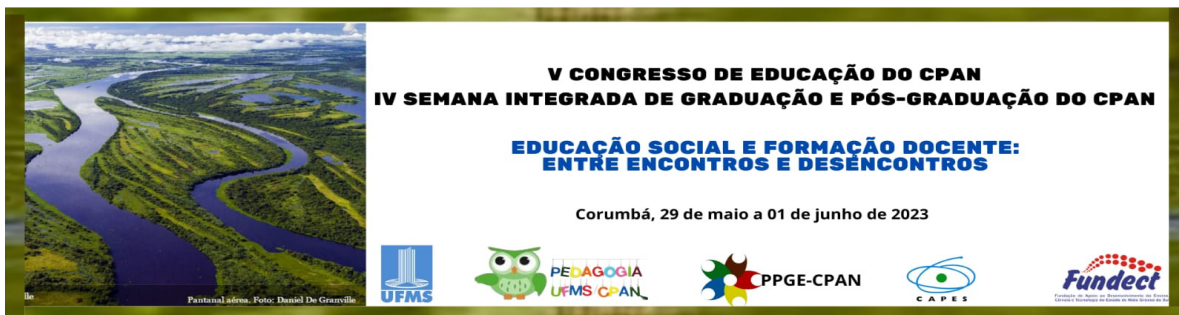
Ao serem questionados se já haviam se imaginado idosos 57% disseram que sim enquanto 43% disseram que não.

Imagine olhando-se em um espelho que reflita sua imagem com mais de 60anos. Diga o que vê e se gosta da imagem refletida.

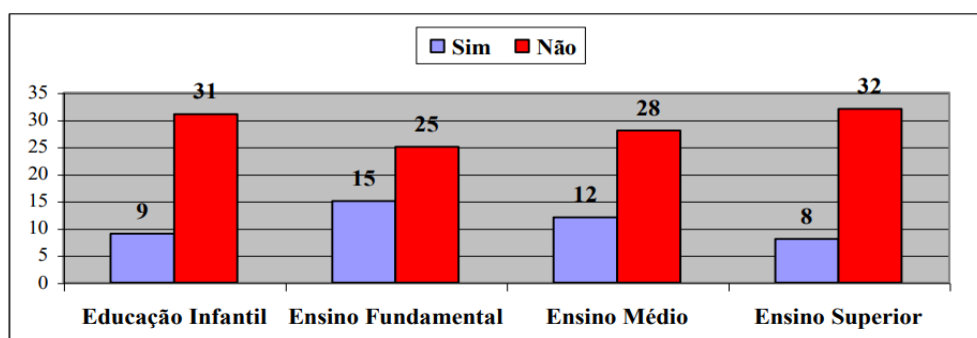


Fonte: Questionário aplicado 2011.

Pedi-se, então, para que eles se imaginassem olhando em um espelho que refletisse a sua imagem com mais de 60 anos e dissesse se aprovava a imagem refletida. Como resposta, 62% dos entrevistados se mostraram satisfeitos com a imagem refletida do espelho. Viram-se como pessoas mais experientes, felizes na vida profissional e pessoal, cercados de amigos e orgulhosos de cada marca do tempo em seu corpo. Ressalta-se que 10% não conseguiram se imaginar idosos; 3% não quiseram responder à pergunta enquanto 25% disseram não terem gostado da própria imagem refletida no espelho.

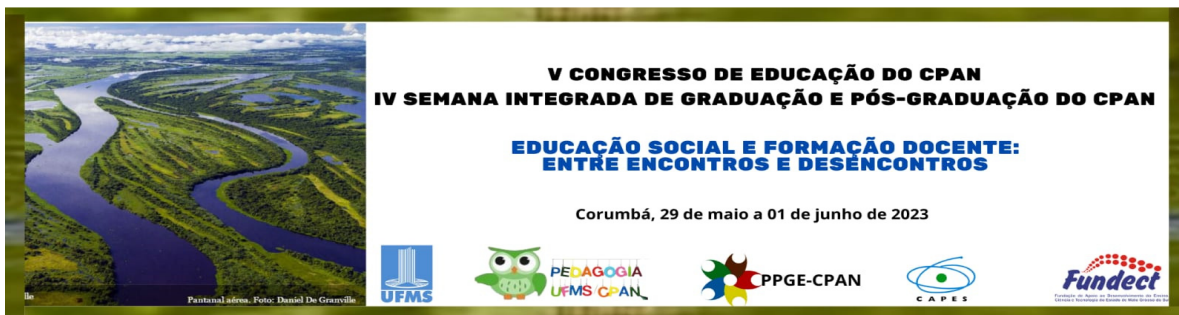


Durante toda a sua educação formal (desde a educação infantil até o nível superior) você recebeu informações/ conhecimentos ou viu conteúdos voltados ao processo de envelhecimento

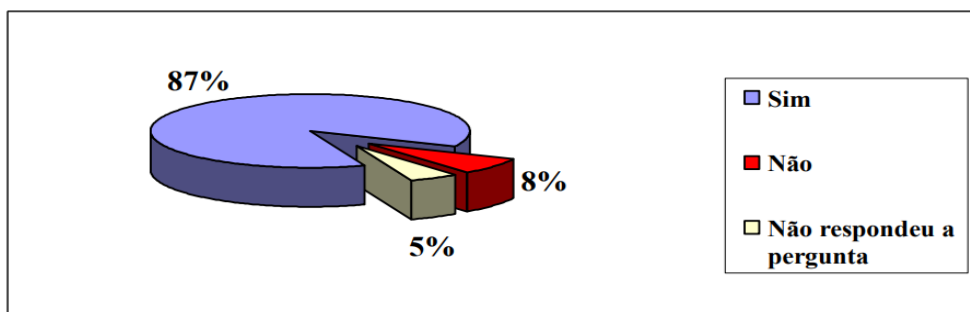


Fonte: Questionário aplicado 2011.

Diante da pergunta: “Durante toda a sua educação formal (desde a educação infantil até o nível superior) você recebeu informações/ conhecimentos ou viu conteúdos voltados ao processo de envelhecimento?”, notou-se que a grande maioria dos entrevistados disse não ter recebido informações e/ ou conteúdos específicos voltados a esse tema nas diversas etapas do ensino formal. Já os acadêmicos que responderam ter recebido conhecimentos/ informações apontaram o “desenvolvimento humano - as fases da vida”, “a composição da família”, “os cuidados com a saúde”, “os direitos e deveres do cidadão” como um dos assuntos vistos e discutidos em sala que dão base a um envelhecer consciente. Observou-se que, segundo as respostas dos entrevistados, a Educação Infantil e o Ensino Superior são responsáveis pelos maiores índices de desinformação.



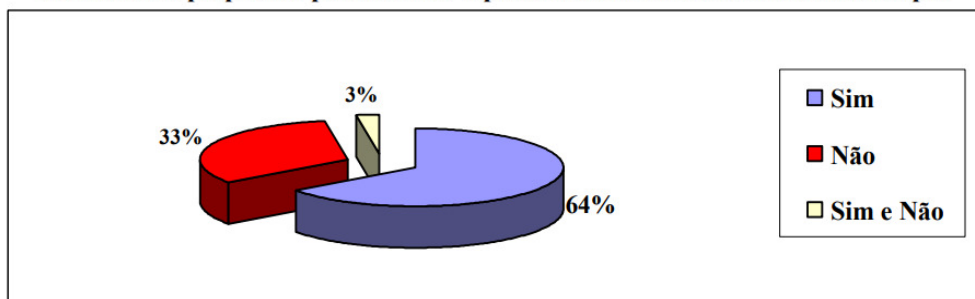
Você considera ou considerou importante receber informações sobre o processo de envelhecimento do corpo humano?



Fonte: Questionário aplicado 2011.

Evidencia-se que 87% dos entrevistados entenderam e consideram o processo de envelhecimento do corpo como algo que deve ser amplamente discutido e explorado em todos os âmbitos escolares.

Você se sente preparado para encarar o processo de envelhecimento do seu corpo?

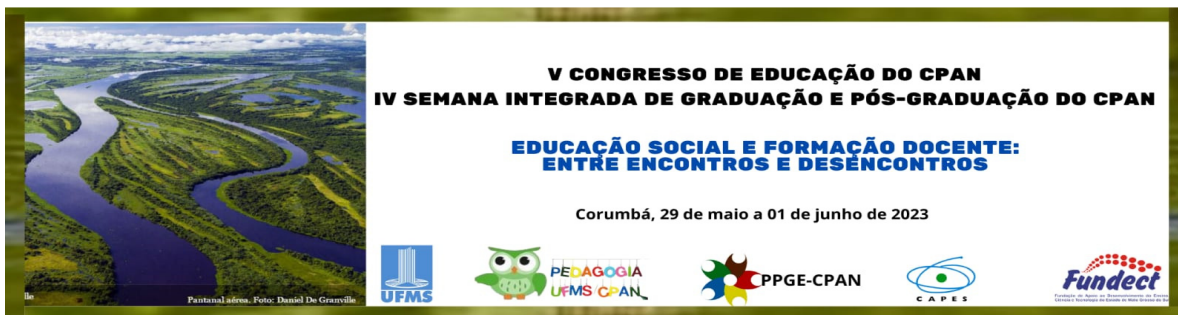


Fonte: Questionário aplicado 2011.

E, por último, quando perguntados se eles se sentiam preparados para encarar o processo de envelhecimento do seu corpo e de que forma estavam se preparando a grande maioria, 64% dos entrevistados, disseram se sentir preparados para vive-lo e se preocupavam bastante com a alimentação, em fazer exercícios físicos, além dos acompanhamentos médicos.

Conclusão

Ao final da pesquisa e diante dos dados obtidos podemos constatar que os universitários não idosos matriculados no curso de Pedagogia do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em Corumbá - MS, no período de 2010 a 2011, não foram suficientemente preparados, como futuros educadores, para enfrentar o processo de envelhecer,



bem como perpassar e promover debates sobre o tema. Aliás, a educação tem deixado a desejar em vários aspectos e quando faz, faz de forma equivocada, mecânica, ou seja, “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de mais fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 1996, p.33).

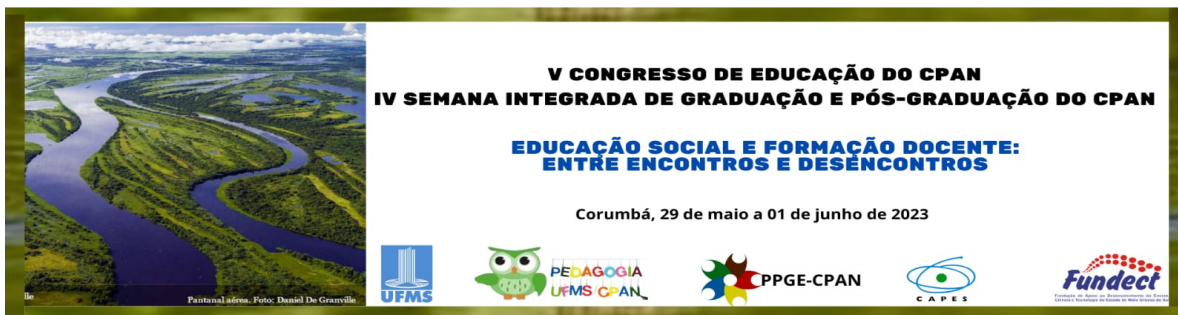
De acordo com o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 Art. 3º parágrafo único inciso VII “[...] é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso e efetivar o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade e à dignidade”. Preceitos estes, considerados básicos para um bom viver. Este mesmo parágrafo garante, ainda, que esta prioridade também compreenda o “[...] estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;”.

Ou seja, este inciso torna claro que mais do que garantir qualidade de vida aos idosos, é necessário informar, divulgar, as mudanças biológicas, psicológicas e sociais que ocorrem no nosso corpo com o passar dos anos.

Assim, o capítulo V desta mesma Lei dispõe em seu Art. 22 que “Nos currículos mínimos dos diversos **níveis de ensino formal serão** inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria” (grifo meu).

Por “níveis de ensino formal” compreendem-se as etapas escolares desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, período em que o aluno forma sua identidade, é introduzido ao meio social, toma parte dos conhecimentos necessários para se desenvolver como cidadão crítico e atuante. Ressalto que o verbo ser (também grifado por mim acima) da forma como foi empregado, permite-nos concluir que os currículos escolares não propunham, nem discutiam o envelhecer, mas que após a aprovação da Lei o tema fará parte dos currículos mínimos por julgar importante e imprescindível ser discutido, uma vez que esta parcela da população brasileira tem se tornado cada vez maior.

Desta forma, cabe também à Educação o papel de informar e tornar público as mudanças decorrentes do tempo em nosso corpo/ mente e não esperar que o tempo e os anos se



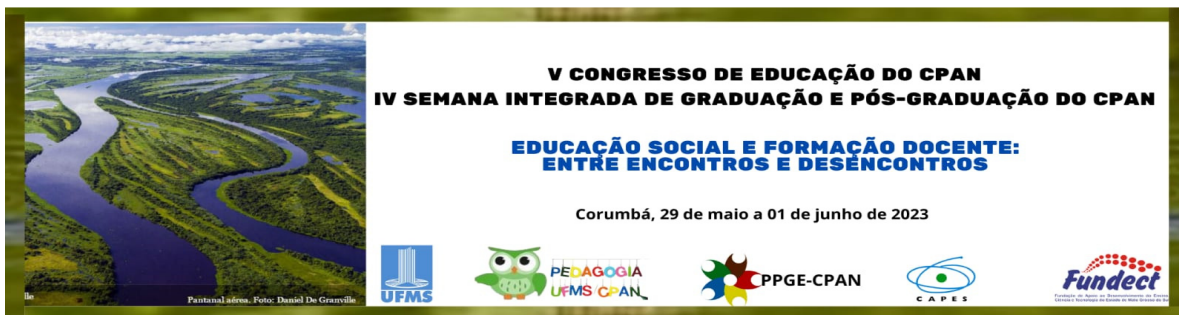
encarreguem de nos mostrar, tardiamente, a falta que um bom preparo faz. Educar para a velhice também deve fazer parte da nossa cultura, assim como outros temas tão importantes como a vida sexual, a economia (já inserida em algumas grades escolares), português, matemática, etc.

Quantos outros assuntos não foram menosprezados e/ou diminuídos ao longo desses anos? Temos ciência do quanto a educação escolar é vital para a construção de novas concepções, ideias e quebras de paradigmas sobre o processo de envelhecimento, porém a pesquisa tornou evidente a insípida e quase ausência destas informações em nossa vida escolar. Evidencia-se que quando o espaço escolar não suscita discussões proveitosas sobre o tema e, principalmente, quando a temática do envelhecimento não é amplamente estudada e esmiuçada pelos livros didáticos acabamos por reforçar estereótipos e padrões culturais incrustados na sociedade como a negação do corpo do idoso e o despreparo emocional com que lidamos com o assunto. Aliás, como exigir que as pessoas chamem de “idoso” alguém com mais de 60 anos de idade se durante toda a nossa vida escolar foi nos ensinado que o contrário de “jovem” é “velho” sendo a palavra “Idoso”, um termo tão atual quanto o próprio tema envelhecer.

O idoso, infelizmente, tem sido reduzido a estereótipos, condenado a inutilidade e aos eternos programas políticos/sociais que elaboramos com base em informações errôneas perpassadas de geração a geração. Esquecemos ou fazemos questão de ignorar que o homem, bem como as coisas e animais, envelhecem e que devemos estar preparados para envelhecer. Entretanto, como podemos nos preparar se a responsável por nos fornecer informações sobre os mais diversos assuntos tem sonogado/ ignorado esta fase da vida que é tão importante quanto conceitos matemáticos ou gramaticais.

Como repudiar ideias e conceitos que valorizam a juventude, o corpo viçoso, a agilidade física e mental, quando a sociedade insiste em massacrar aqueles que buscam no tempo o alento necessário para continuar sua caminhada, afinal, o que todos nós queremos (seja jovem ou idoso) é viver.

Enfim, é preciso rever não apenas a forma como os idosos são vistos, mas destacar a principal função da Educação por meio da informação e transformação do meio social para o bem comum. É certo que os processos educativos, que fazem parte da educação escolarizada, podem contribuir para o surgimento de concepções mais salutares sobre o processo de envelhecer. Partimos do pressuposto de que as escolas podem suscitar discussões proveitosas



sobre o tema, principalmente se essa temática estiver presente nos livros didáticos (cuja materialidade reflete, além do conhecimento, os padrões culturais e sociais que se encontram impregnados na sociedade).

O tema “envelhecer” é fonte interminável de questionamentos, muitos dos quais ainda não foram respondidos. Por este motivo, acredito que este trabalho possa servir de norte para futuras pesquisas. É necessário que as pessoas, tomem maior consciência de que os futuros idosos já nasceram, e que inexoravelmente podemos ser nós mesmos; entender o quanto somos cruéis com nossos corpos e que vivemos em uma guerra permanente entre os desejos do corpo e as infindáveis exigências sociais oriundas de uma presumível boa educação. E, principalmente, precisamos nos questionar que tipo de velhice gostaríamos de desfrutar, pensar em políticas públicas que nos satisfaçam e, sobretudo, de que forma gostaríamos de ser vistos pela sociedade.

Referências

ALVES, José Eustáquio Diniz; GALIZA, Francisco. **Demografia e Economia nos 200 anos da Independência do Brasil e cenários para o século XXI**. ENS, maio de 2022. Disponível em: https://ens.edu.br:81/arquivos/Livro%20Demografia%20e%20Economia_digital_2.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023 às 18h57.

BRASIL. Estatuto (2021). Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. 5. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2021. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/592242/Estatuto_do_idoso_5ed.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023 às 13h20. (Com todas as suas alterações).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. São Paulo: Unicamp, 1991. (Série Teses).

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da Terceira Idade**: conquistas possíveis e rupturas necessárias. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.